



## O Colar de Pérolas

**Lindsay Gracia Colle**

Ele sorri, apesar de notar-se um pequeno vestígio úmido no canto de seus olhos, Hélio esboça uma felicidade quase real. Divide este momento com seus melhores amigos, Leila e Paulo, lembrando tudo que passou ou que passaram até este dia, tão almejado e tão duramente alcançado.

Leila toca em um dos assuntos mais sensíveis para Hélio, os pais, seu Ernesto e dona Dalva, conhecia-os muito bem, foram vizinhos até boa parte da vida adulta. Quando criança adorava passar as tardes ouvindo dona Dalva contar estórias, enquanto mexia um grande tacho com doce de banana ou fazendo outro quitute qualquer em seu fogão a lenha, com a chaminé já corroída, deixando o ambiente enfumaçado, o que em sua imaginação a transportava para uma caverna a procura de um tesouro ou quem sabe fugindo de uma terrível bruxa. Os demais cômodos da casa também contribuíam nestas elucubrações infantis, eram escuros, as janelas eram abertas com pouquíssima frequência, toda de madeira, tinha ainda um porão e um sótão a serem explorados.

Seu Ernesto chegava tarde e sempre muito cansado, reservado, não trocava uma palavra sequer nem com a esposa, nem com o filho e muito menos os amigos deste, dirigia-se direto para o andar de cima. Mas era um bom homem, um pai zeloso, preocupado com o futuro de Hélio obrigava-o a estudar e tirar boas notas. Funcionário público, saía todo dia bem cedo em seu terno e gravata, chapéu e guarda-chuva, tudo simples, porém limpo e apumado.

Paulo morava na quadra seguinte, mas como seu pai era chefe do seu Ernesto, acabaram por se conhecer em uma das festas que todos os finais de ano eram promovidas na repartição, para confraternizarem o Natal com suas famílias e colegas funcionais. Assim com o tempo, tornaram-se amigos inseparáveis.

Aqueles momentos eram importantes para Hélio, ver e estar onde seu pai trabalhava, tinha orgulho de mostrar à mãe, que em seu melhor vestido cor creme, bordado a mão, por ela mesma, sapatos pretos de salto médio, longos cabelos claros transformados em um coque, onde não se via um só fio solto e seu colar de pérolas (única herança de sua avó), fingia ao filho nada conhecer, como se nunca houvesse estado no escritório do marido, deixava que Hélio empolgado lhe apresentasse tudo. Repetiu este comportamento por vários anos, só para poder ver no rosto do filho aquela alegria, que só a ingenuidade dos primeiros anos de vida nos permitem. Ele corria, sentava na cadeira giratória do pai, abria todas as gavetas, perguntava em qual daqueles cabides seu Ernesto pendurava o chapéu, pois quando fosse um pouco maior iria trabalhar lá e queria por seu futuro chapéu ao lado do de seu pai.

Uma tarde, enquanto jogava ludo com Leila e Paulo no jardim de sua casa, em cima de uma grande toalha amarela posta na grama, viu seu pai chegar bem antes da hora do final do expediente e entrar rapidamente pela porta dos fundos, como se não quisesse ser visto, ou por saber que naquela hora do dia dona Dalva lá estaria lavando roupa.

– Nossa não era seu pai?

– Você também o viu Leila, estranho é a primeira vez em toda minha vida que ele chega mais cedo.

– Será que aconteceu alguma coisa grave?

– Não deve ser nada Paulo, quem sabe uma surpresa para minha mãe, bem que ela merece, de qualquer jeito é melhor eu entrar, amanhã continuamos a partida.

Na sala de jantar dona Dalva e seu Ernesto sentados, com o semblante um tanto quanto circunspecto, chamaram-no, após algumas explicações, as quais nada entendeu, comunicaram a necessidade da troca de colégio, iria para uma escola pública, protestou, esperneou, mas todas as tentativas de reverter aquela situação foram



infrutíferas, sua mãe com todo carinho e paciência argumentou da vantagem na mudança, pois o ensino público era reconhecidamente superior, não tendo mais nenhuma justificativa a apresentar aos pais em sua defesa, resignou-se. Para ele o mais difícil foi contar aos amigos, não pelo fato de não estudarem mais juntos, mas pela vergonha de não estar mais em uma instituição particular. Leila quis saber a razão, mas Paulo nada perguntou e não demonstrou surpresa. Hélio estranhou esta reação, notando que Paulo, gorducho e de bochechas levemente rosadas, estava agora com o rosto muito vermelho, indagou-o sobre o que ocorrera, este desconversando, alega estar triste porque não iriam mais caminhando juntos para o colégio, além do que estava atrasado para o jantar e precisava ir embora, saindo apressadamente. Leila não querendo deixar Héliosozinho, continua a conversar, pergunta em qual turno teria aulas, se já sabia para qual escola iria, se era muito longe, com um pouco de interesse pessoal nas questões, pois uma de suas preocupações era se isto afetaria suas visitas gastronômicas e bate-papos com dona Dalva.

– Não se preocupe nada mudará entre nós, e minha mãe te adora, sua companhia a faz muito feliz.

Naquele ano não foram à festa de Natal da repartição, "filho, o pai vai ter que viajar e ficará fora uma semana", lembrando das palavras do pai não se preocupou com a inesperada alteração dos costumes e na falta que lhe faria a festiva ocasião. Nunca mais foram a nenhuma daquelas festas, nada mais foi dito e ele por receio da resposta, sequer indagou o motivo.

Um domingo ao encaminhar-se para a missa com sua mãe, notou que esta não usava seu colar e sim uma pulseira de pérolas.

– Mãe que linda pulseira, mas onde está seu colar, aquele da vovó?

– Enjoei dele meu filho, prefiro esta pulseira, é muito mais elegante. Sem dar chances à novas perguntas, chama a atenção do filho pois entravam na igreja e o padre estava no altar dando alguns recados.

Seu Ernesto, continuava a sair de casa bem cedo com o mesmo terno, gravata e chapéu, agora desbotados pelo tempo, todavia com o mesmo capricho d'outrora. Porém, não mais um guarda-chuva e sim uma bengala, claudicava um pouco da perna esquerda, devido a uma queda do telhado quando trocava telhas, que constantemente deixavam a velha casa alagada com tantas goteiras. O estranho, agora, era seu horário de chegada, diferentes todos os dias, às vezes muito tarde da noite, outras logo após o almoço já estava em casa, e não mais saía.

Nos últimos dias de aula, com as notas muito boas, ótimas na verdade, tendo passado por média em todas as matérias, correu até a repartição para fazer uma surpresa ao pai, dando-lhe a tão esperada boa nova, sua eminente formatura. Foi entrando e cumprimentando todos na maior felicidade, notou o quanto tudo havia mudado, pois não ia lá a muito tempo, os poucos rostos conhecidos que encontrava lhe devolviam o cumprimento, mas com uma expressão interrogativa, então deparou com a sala de seu pai vazia, o cabide dos chapéus, a mesa, nada, tudo tinha desaparecido. Saiu correndo, agora sem olhar para ninguém, sem saber para onde e nem o que pensar.

Depois de horas parado, observando nuvens, contando pedras, arrastando o pensamento, encaminhou-se para casa através do parque que abreviava o trajeto, de longe avistou um grupo de pessoas em derredor de um homem sentado em uma grande pedra e com um chapéu colocado no chão. Aproximou-se, reconheceu, mas não podia crer, não, não era seu pai, seu exemplo e orgulho, declamando em troca de trocados:

Choro minhas mágoas

Que são tuas

Despejando dentro das mãos

Cheias de carne

Um coração sangrando alegria

Vermelho terra

Uma vida jorrando solidão



Arfando desejo

Tendo a razão como fome

Ilusão insana

A miséria como inspiração

Deidade aleatória

Sobrevivendo do amanhã

Dissipo o espírito

Absorvendo os vermes

Do alimento que nunca virá.

Abaixou a cabeça, deu as costas, esperando não ter sido visto, seguiu para casa pretendendo confronar sua mãe, mas encontrou Leila:

– Você sempre vai lá em casa, conversa horas com minha mãe, ela nunca contou alguma coisa sobre meu pai?

– Contar o quê, sobre o que você está falando, não estou te entendendo, seu pai não é seu Ernesto?

– Ora lógico que é, não é sobre isso que estou falando. Hélio não querendo entrar em pormenores, nem ter que explicar o que acabara de presenciar e também por constrangimento, preferiu mudar de assunto e perguntar se ela também já havia passado de ano e quando seria a formatura.

Chegou atrasado para o jantar, seus pais na cozinha serviam-se de uma macarronada, de novo macarrão, dizendo estar sem fome, foi direto para seu quarto, jogou as coisas na cama, sentou, pensou, escorreram algumas lágrimas e lembrando toda sua infância, todo o amor lhe dedicado na difícil fase da adolescência, desceu, olhou para os pais com ternura, e dizendo à mãe que se arrependeu, sentou e serviu-se abundantemente, querendo mostrar o quanto apreciava sua comida, dona Dalva sorriu timidamente, parecendo entender o filho, seu Ernesto não levantou a cabeça e nem levou à boca muitas garfadas, tentou puxar conversa com o pai, mas este apenas lançou-lhe um olhar branco, longínquo. Durante toda refeição mais nenhuma palavra foi dita, em silêncio absoluto dona Dalva levantou-se tirou os pratos da mesa e foi lavá-los, seu Ernesto arrastou a cadeira, olhou Hélio e para a esposa, virou-se e foi até a sala, tirou do bolso um pequeno bloco amassado, cheio de orelhas nas folhas, pesarosamente pôe-se a escrever na última folha que restava:

Todos sabem sem saber

Trago no fundo rasa cicatriz

Consciência do desconhecimento

Alheio ao que digo

O sentido do sentimento

Esperança arrasada no seio

Vil amado honroso biltre

Destruam a honra

Do cansaço de uma vida

Já não gosto

Já não quero

Não mais sofro

Não mais sou

A longa noite chega.

Dona Dalva e Hélio na missa, uma especial, dedicada a alguém especial, pelo menos para eles, ela com seu vestido preto, colar de fita e uma, apenas uma pérola.